

# CONFLITOS ENTRE PADRES CAPUCHINHOS E PASTORES LUTERANOS EM LAGOA VERMELHA: UMA PESQUISA HISTÓRICA

## CONFLICTS BETWEEN CAPUCHIN PRIESTS AND LUTHERAN PASTORS IN LAGOA VERMELHA: A HISTORICAL SURVEY

David Karnopp<sup>1</sup>

**Resumo:** O tópico do presente artigo trata dos desdobramentos dos conflitos surgidos em Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul, entre padres capuchinhos e pastores luteranos, quando estes iniciaram lá seu projeto missionário a partir de 1918. Os resultados da pesquisa mostram que tanto os luteranos como os católicos viam uns aos outros como empecilhos e desafio para suas missões. Diante disso, usaram o ataque e a defesa como meios de ação. Confirma-se também, a partir desta pesquisa, que esse conflito religioso esteve ancorado sobre as bases de um conflito político local, e que recebeu dele um viés igualmente político. Sabe-se, no entanto, que pastores e padres realizaram suas missões com excepcional esforço.

**Palavras-chave:** Capuchinhos. Pastores luteranos. História de Lagoa Vermelha. História da IELB.

**Abstract:** The topic of this article deals with the conflicts that arose in Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul, between Capuchin priests and Lutheran pastors when the latter began their missionary project there in 1918. The results of the research show that both the Lutherans and the Catholics saw each other

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Instituto Concórdia de São Paulo (1988). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá (2012). Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil em Vacaria, RS.

as obstacles and challenges to their missions. Faced with this, they used attack and defense as their means of action. This research also confirms that this religious conflict was anchored in the foundations of a local political conflict, and that it had an equally political bias. It is known, however, that pastors and priests carried out their missions with exceptional effort.

**Keywords:** Capuchins. Lutheran Pastors. History of Lagoa Vermelha. History of the IELB.

## **INTRODUÇÃO**

No ano de 1918, os luteranos missourianos<sup>2</sup> iniciaram a sua missão em Lagoa Vermelha, RS. Ela durou até 1928. A vinda deles despertou conflitos com padres capuchinhos e teve vários desdobramentos. Para entendê-los melhor, é preciso primeiro responder como e por que tanto os padres capuchinhos quanto os pastores luteranos vieram para Lagoa Vermelha.

### **A VINDA DOS CAPUCHINHOS PARA LAGOA VERMELHA**

A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos origina-se da Ordem dos Frades Franciscanos, fundada por São Francisco de Assis, e teve sua origem na Itália, porém, logo se expandiu pela Europa. Os capuchinhos dos quais vamos tratar nesta pesquisa e que vieram trabalhar no Rio Grande do Sul, são os franceses, da Província de Saboia. Eles vieram em 1896. Segundo Vanildo Luiz Zugno, o grupo “desempenhou importante papel, na Saboia, no combate aos protestantes e na consolidação do movimento reformador da Igreja” (ZUNHO, 2017, p.59). Os capuchinhos que chegaram ao Rio Grande do Sul residiram inicialmente em Conde d’Eu, depois chamada de Garibaldi. Entre as suas missões tiveram o compromisso de combater os protestantes. Na França, tiveram a missão de “conter o avanço da reforma calvinista” (ZUGNO, 2017 p.65).

Segundo Fidélis Dalcin Barbosa, os padres capuchinhos vieram para

---

2 Refere-se aos luteranos do Lutheran Church-Missouri Synod (LCMS), que mantinham o projeto missionário em Lagoa Vermelha.

Lagoa Vermelha em 1903, vindos de Vacaria, RS (AMARANTE, 1996, p.93). O Frei Bernandin d’Apremont comenta que “a paróquia de Lagoa Vermelha nos foi quase imposta por Dom Claudio,<sup>3</sup> que não encontrava ninguém para se ocupar daquelas populações abandonadas” (COSTA, BONI, 1996 p.261). Na época, a carência de padres era enorme. Aceitaram o desafio pela súplica constante do bispo.

O deslocamento de Vacaria para Lagoa Vermelha representava um trajeto de 80 quilômetros, que era feito em lombos de mulas e cavalos, situação em que os padres podiam enfrentar fome, frio e perigos.

E em Lagoa Vermelha os capuchinhos enfrentaram situações muito adversas. Entre elas, que lá havia um atendimento sacerdotal precário, que já se estendia por vários anos, realizado pelo padre Francisco da Silva Carrão. Além de padre, era também escrivão. E era casado e pai de muitos filhos, situação tolerada pela Igreja Católica, pela extrema falta de padres. No fim da sua vida de 75 anos, adoentado, a paróquia passou a ser atendida pelos capuchinhos (AMARANTE, 1996, p.92).

O frei Bruno de Gillonay<sup>4</sup> comenta esta e outras situações semelhantes:

Há uns 25 anos [1896], determinadas regiões da diocese do Rio Grande do Sul não eram governadas por pastores, mas devastadas por lobos. Um destes casos era a paróquia de Lagoa Vermelha. Tinha como pastor um infeliz que era tudo, menos um bom padre. E alguns dos seus antecessores na paróquia não valiam mais do que ele. Com tais mentores espirituais, podemos imaginar a situação religiosa e moral da população. Não havia nem culto, nem missa regular aos domingos. Não havia pároco. E por igreja, uma miserável capela construída em tábuas já semi-apodrecidas. A população estava submersa na ignorância religiosa. O padre era desprezado e os sacramentos completamente esquecidos. Para completar a desgraça, os protestantes vieram fixar tendas no meio da população e se entregavam a uma propaganda desenfreada (AMARANTE, 1996, p.94).

---

3 Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, bispo de Porto Alegre.

4 Frei capuchinho nascido na França. Exerceu papel importante na coordenação da missão capuchinha no Rio Grande do Sul. Antes de vir para o Brasil, atuou como professor em Gazhir, no Líbano. E antes de atender ao chamado para o Brasil, foi enviado para Lisboa, Portugal, para estudar a língua portuguesa.

Para iniciar a missão capuchinha em Lagoa Vermelha, o frei Bruno de Gillonnay percebeu como empecilhos o quadro religioso caótico, a atuação do “infeliz padre” e os próprios luteranos. Diante disso ele ainda se expressa:

Inicialmente, nós recusamos, considerada a escassez de pessoal e os perigos que o sacerdote pode correr em tal ambiente. Mas as súplicas reiteradas do bispo e a compaixão pelo estado desolador das almas venceram todas as resistências. Aceitamos (AMARANTE, 1996, p.94).

Gillonay ainda constata que “os padres de Vacaria iniciaram assegurando o serviço religioso a Lagoa Vermelha, mas a preço de sacrifícios! Somente os que fizeram a experiência podem dizê-lo! (AMARANTE, 1996, p.94).

Fidélis Dalcin Barbosa, citando o Livro Tombo da Igreja Católica, diz que os capuchinhos “não encontraram uma paróquia, mas os miseráveis destroços de uma paróquia, um montão de ruínas materiais e espirituais” (AMARANTE, 1996, p.95).

Tanto os padres capuchinhos como pastores luteranos vieram para Lagoa Vermelha em situação de muitas dificuldades e exerceram suas missões com grandes esforços.

O frei José Cherubini, capuchinho que atuou em Lagoa Vermelha, também aponta essas situações como dificuldades para a missão capuchinha em Lagoa Vermelha. Ele fala de uma “grande ignorância religiosa” em que o povo vivia e de uma religiosidade supersticiosa, e que o “único sacramento recebido pela quase totalidade é o batismo”. “Morrem sem padre e não se importam de enterros religiosos”. As missas eram frequentadas por uma minoria, na maioria por mulheres e crianças. E conclui: “Os protestantes também fazem muito mal com a propaganda de livros e conferências. Parecem estar favorecidos pelas autoridades locais” (AMARANTE, 1996, p.97).

O favorecimento aos luteranos por parte das autoridades da situação, é confirmado por eles em vários momentos. Inclusive fala-se da intenção do prefeito em trazer toda a população lagoense para a Igreja Luterana e de ele dar apoio aos luteranos (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1918, p.79). Por outro lado, não há evidências de que os padres capuchinhos tenham recebido apoio das autoridades da oposição. Vanildo Luiz Zugno,

inclusive, parece indicar que este era um conceito dos capuchinhos: “Uma das poucas lideranças capazes de resistir às pressões e manobras do poder político eram os padres” (ZUNHO, 2017, p.96).

Desde a vinda dos capuchinhos para Lagoa Vermelha, em 1903, até a vinda do pastor Rodolpho Hasse, em 1918, a atuação deles foi acanhada, situação reconhecida por eles diversas vezes. Inclusive em 1918, ano da chegada dos luteranos, a paróquia de Lagoa Vermelha estava sem padre residente. A volta de um pároco para Lagoa Vermelha foi uma reação direta dos católicos à vinda dos luteranos. Sobre isso, Hasse registra:

Enquanto o Evangelho estava longe, dormia tudo, desde a igreja romana. Mas bastou virem os mensageiros da boa nova de Cristo crucificado, para o diabo despertar seus satélites e maquiari tudo. Quando os luteranos aqui iniciaram sua labuta sagrada, também o frade lembrou-se que sua paróquia era Lagoa Vermelha e não as panelas de carne de Sananduva; quando os luteranos vieram fundar colégio, para preencher esta lacuna lamentável aqui, também outros souberam fazer o mesmo (MENSAGEIRO LUTERANO, 1923, p.30).

Certamente que a motivação da ausência não foi somente por causa das panelas de carne de Sananduva, com forte colonização italiana. Atender todo o município em lombos de cavalos e mulas era desafiador para um número reduzido de padres.

## **A VINDA DOS LUTERANOS PARA LAGOA VERMELHA**

Quinze anos após a vinda dos capuchinhos para Lagoa Vermelha é que vieram os luteranos. A história da passagem deles por lá está descrita de forma mais ampla no meu livro *Luteranos em Lagoa Vermelha – Um século de esperanças* (KARNOPP, 2018). O livro trata da passagem dos luteranos por Lagoa Vermelha, nos anos de 1918 a 1928, cuja missão resultou no conflito religioso, objeto desta pesquisa. Aqui forneço um resumo a partir do livro.

No início do ano de 1918, o intendente de Lagoa Vermelha (depois prefeito), Maximiliano de Almeida, fez uma viagem de trem a Porto Alegre,

RS. Em São Leopoldo, Theophil William Strieter, pastor luterano local, embarcou no mesmo vagão, sentando-se ao lado do prefeito. O pastor Strieter, apesar de ser americano, falava a língua portuguesa. A conversa que se travou entre eles daria início a uma das mais impressionantes histórias do luteranismo brasileiro.<sup>5</sup>

O prefeito Maximiliano sonhava em trazer para Lagoa Vermelha uma escola de base católica e de boa qualidade, mas o seu projeto não estava tendo êxito. O pastor Strieter, no encontro com o prefeito, na sua viagem de trem, justamente havia falado sobre as escolas que os luteranos estavam abrindo. Maximiliano então convidou o pastor Strieter para que viesse para Lagoa Vermelha.

Esta proposta foi levada ao Sínodo Evangélico Luterano,<sup>6</sup> que enviou os pastores Emil Müller e Theophil William Strieter para Lagoa Vermelha a fim de conhecer as condições do local. Fizeram a viagem com “os corações cheios de boas esperanças e as malas repletas de Novos Testamentos destinados a distribuição gratuita” (O MENSAGEIRO CRISTÃO, 1918, p.26).

Johannes Kunstmann registra que o prefeito disponibilizou gratuitamente o prédio da prefeitura para que eles pudessem fazer uma palestra. No mesmo texto, Kunstmann destaca o impacto da visita:

Houve um grande entusiasmo entre quase toda a população, que há muito já estava descontente com a Igreja Romana e que estava se desintegrando internamente. Ela também negligenciou as pessoas de uma forma terrível e mal se importou com elas durante anos! Não só a recepção entusiasmada da palestra, mas também as perguntas curiosas sobre os ensinamentos da nossa igreja mostraram o desejo com que o povo queria romper com Roma e ter algo melhor. O testemunho dos nossos pastores afetou aquelas pessoas como uma chuva fértil sobre uma terra seca (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.10, tradução nossa).

---

5 Pode-se destacar dois pontos, além dos conflitos abordados nesta pesquisa: primeiro: o desafio de realizar um trabalho missionário em língua portuguesa, quando grande parte da linguagem usada entre os luteranos era a alemã. Segundo: a construção do Colégio Luterano São Paulo, com um prédio imponente e um currículo avançado para a época.

6 Mais tarde teve o nome mudado para Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que permanece até hoje.

Ambos os pastores eram americanos, falavam a língua portuguesa, porém com formação em língua alemã. Pode-se imaginar que o sotaque alemão misturado com o inglês, tenha despertado curiosidade e interesse na crioula Lagoa Vermelha da época. Ainda mais porque havia insatisfação da população e do poder público em relação à Igreja Católica, pela pouca presença sacerdotal dela e porque o seu projeto de escola não mostrava andamento. A vinda destes dois pastores para Lagoa Vermelha, em 1918, para os primeiros contatos, foi o que acendeu as primeiras chamas do conflito descrito nesta pesquisa.

O Sínodo Evangélico Luterano abraçou o desafio e designou como pastor, para esta missão, o recém-formado teólogo do Seminário Concórdia, de Porto Alegre, Rodolpho Frederico Mussard Hasse. Ele era um dos primeiros pastores do Sínodo a falar e escrever fluentemente a língua portuguesa. Era de um conhecimento extraordinário e de uma sabedoria surpreendente. Isso o tornou uma figura eminente em Lagoa Vermelha. Kunstmann resumiu a importância de Hasse para esta missão: “Nele, Deus nos presenteou como o homem certo para iniciar a missão luso-brasileira”. (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA. 15 janeiro de 1920 p.10, tradução nossa).

Até então, grande parte da língua usada nas comunidades luteranas no Brasil era a alemã. O projeto missionário de Lagoa Vermelha apresentava-se para o então Sínodo Evangélico Luterano como o primeiro grande desafio do uso da língua nacional. E vivia-se, neste momento, o contexto da Primeira Guerra Mundial, onde o uso da língua alemã fora proibido nas igrejas e nas escolas.

Johannes Kunstmann fala sobre isso e destaca:

E desta maneira, Deus nos abriu uma porta em tempos de guerra, através da qual encontramos acesso àquelas pessoas que estão sob a escuridão do papismo e até mesmo da idolatria e da mais extrema superstição, e temos o começo, mesmo que pudemos fazer apenas um começo modesto, com a missão luso-brasileira (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.10, tradução nossa).

O pastor Rodolpho Hasse e sua família chegaram em Lagoa Vermelha em 31 de outubro de 1918, onde logo deu início à fundação do Colégio

Luterano São Paulo e da primeira<sup>7</sup> comunidade luterana em língua portuguesa, denominada: Comunidade Evangélica Luterana Brasileira São Paulo de Lagoa Vermelha. A vinda dele para Lagoa Vermelha e a abertura de um colégio luterano despertaram a atenção da Igreja Católica, que até então estava bastante ausente de lá, e impulsionaram os conflitos entre padres e pastores luteranos.

E quando iniciou os trabalhos, Hasse sentiu que havia grande ignorância espiritual em Lagoa Vermelha. Porém, dizia:

Isto não pode causar admiração visto que o povo se acha em profunda letargia espiritual, causado pelo relaxamento dos ministros romanos. [...] Cristo é apenas conhecido pelo nome, mas da sua missão neste mundo o povo não tem um vislumbre sequer (MENSAGEIRO LUTERANO, 1919, p.11).

Carlos H. Warth, no livro *Crônicas da Igreja*, mostra como esta situação foi sentida pelos luteranos. Ele diz que “a ignorância espiritual, as superstições e outros vícios dificultavam o trabalho missionário. Poucas pessoas sabiam alguma coisa sobre a salvação” (WARTH, 1979, p.41).

É certo que a intenção de iniciar o trabalho missionário em Lagoa Vermelha, de ambos os lados, capuchinhos e luteranos, foi impulsionado pela compaixão. Não se pode negar isso. Da parte dos luteranos, se registrou.

Conhecendo a Igreja Católica, e as doutrinas falsas e as práticas sedutoras daquela, e vivendo entre brasileiros e ouvindo deles mesmos de vez quando a mortífera ignorância nas coisas divinas; sabendo a idolatria praticada por eles na convicção que seja esta a religião verdadeira, quem de nós que não sentiria compaixão profunda no coração, desejando ferventemente juntar-se à obra de salvá-los? (O MENSAGEIRO CRISTÃO, 1918, p.26).

Quando fala da sua missão em Lagoa Vermelha, Hasse parece ir um pouco além da compaixão:

---

<sup>7</sup> Já existiam comunidades luteranas no Brasil com atividades em língua portuguesa. Porém, estas tiveram suas origens a partir de famílias alemãs que já compreendiam a língua nacional. Uma missão luterana, voltada essencialmente para pessoas de fala portuguesa, considera-se a de Lagoa Vermelha como sendo pioneira.

É um pobre Lázaro que Deus colocou à porta da nossa igreja. Vamos cuidar para cumprirmos nosso dever para com ele! Até hoje não encontrei ninguém entre essas pessoas que tivesse o menor indício de felicidade (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.188, tradução nossa).

Hasse, ao falar o que sentia diante ignorância espiritual, descreveu seu desafio de forma contundente e como ele via seu maior oponente:

Mas existem os vícios mais terríveis a combater. Além disso, é quase inacreditável que exista tanta superstição entre os mais pobres. É tão variada e tenebrosa que chega a dar medo e pavor. Sempre de novo é preciso aprender e abordar o assunto de um ângulo diferente para dominar este veneno das almas. Esta aberração do inferno é o nosso principal oponente aqui. Nem mesmo entre os pagãos mais cegos poderia ter sido mais horrível. Isto é obra de Roma! A Igreja Romana perdeu sua autoridade sobre este povo – disto estou totalmente convencido. Assim como os apóstolos se esforçaram para arrebataram o maior número possível de pessoas das garras dos gentios, a fim de trazê-los ao caminho da salvação, também é nosso dever arrebataram o maior número possível de vítimas das garras da Igreja Romana para salvar o que ainda é possível salvar. É simplesmente terrível ver as almas, que custaram o sangue de Cristo, serem lançadas cegamente para o abismo do inferno (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.188, tradução nossa).

Houve outras dificuldades, que foram sentidas também pelos primeiros luteranos e não apenas pelos pastores. Hasse se refere a elas:

Bem difícil é a situação dos poucos e recém-convertidos membros da nossa comunidade. Dum lado há os engodamentos do mundo, em todas as suas modalidades, de outro o escárnio e o desprezo dos parentes e antigos amigos, por se terem tornado odiosos luteranos, de outro os enredos do papismo, de que nem sempre podem desembaraçar-se de golpe, e ainda de outro principalmente a daninha atividade da Maçonaria (MENSAGEIRO LUTERANO, 1923, p.31).

Em outro momento, Hasse constata, “os nossos convertidos também são ridicularizados, desprezados e punidos. Muitas vezes são proibidos de

entrar nas casas” (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.188, tradução nossa).

Assim como os padres capuchinhos viam os luteranos como empecilho para sua missão, Hasse relata o caso de uma menina tuberculosa, e como, neste exemplo, ele via os católicos:

Uma menina tuberculosa, deitada no seu leito de morte, chorava dia e noite que não queria morrer, porque tinha medo da morte, apesar de ser uma das católicas mais devotas. Nenhum bispo, nenhum padre, nenhuma freira lhe podiam dar conforto e esperança. Como eles podem fazer? Eles negaram o Filho de Deus, como a Escritura diz. Ela chorava sem consolação, sem esperança! E ainda assim foi proibido trazer-lhe o consolo da salvação. Você só poderá perceber quão profundo é o mistério da maldade da Igreja Romana, se fizer trabalho missionário entre os católicos (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.188, tradução nossa).

Assim, ambos os lados, padres capuchinhos e pastores luteranos, viam o oponente como grande desafio para suas missões.

## **AS DIMENSÕES DO CONFLITO**

Em 1910, foi criada a Diocese de Santa Maria, RS. As paróquias católicas de Vacaria e Lagoa Vermelha passaram a fazer parte da jurisdição da diocese de Santa Maria, cujo bispo era Dom Miguel de Lima Valverde. Valverde parece ter tomado como prioridade a preocupação com a presença dos luteranos em Lagoa Vermelha. O frei José Cherubini menciona uma carta que o bispo enviou a ele pedindo “informações sobre o movimento dos protestantes e do futuro colégio” (COSTA, BONI, 1996, p.265). Em resposta a Dom Miguel, Cherubini relata:

Estes Heréticos estão espalhando também pela campanha seus livros cheios de erros. Pode-se dizer que não há rancho, mesmo o mais pobre, que não tenha recebido destes livros. O povo ignorante recusa queimar estes livros (COSTA, BONI, 1996, p.265).

Cherubini ainda menciona que um advogado se deslocava para Santa Maria para uma visita ao bispo a fim de “informá-lo detalhadamente dos recentes acontecimentos da propaganda dos protestantes”. E acrescenta:

[...] um ministro protestante visitou Lagoa Vermelha e achou um terreno ótimo para espalhar os erros da seita. Mas, o que os católicos não puderam, será que os protestantes podem? Eles ensinam o seu catecismo, fazem conferências e sessões de culto luterano todas as semanas (COSTA, BONI, 1996, p.266).

A menção ao ministro protestante que visitou Lagoa Vermelha, parece ser referência aos dois pastores que fizeram a visita inicial de sondagem.

O bispo de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde, em novembro de 1920, fez uma viagem a Lagoa Vermelha e, ao que indica, com a preocupação da presença dos luteranos por lá. Hasse fala de sua vinda:

No dia 10 do mês passado o bispo romano Valverde, de Santa Maria, chegou aqui. A recepção foi lamentável. Apesar da diligente preparação, quase ninguém compareceu. A procissão habitual também foi um completo fiasco. Todos os meios externos já não funcionam! Sua saída aconteceu sem nenhum alarde. Embora ele andasse pelas ruas em seu automóvel, ninguém apareceu para lhe beijar a mão. Diz-se que ele se queixou amargamente da “falta de religiosidade” do povo, mas teve o cuidado de não atacar os protestantes (EVANGELISCH-LUTHERICHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.188, tradução nossa).

O próprio bispo Valverde registrou um comentário: “É verdade que esta paróquia de Lagoa Vermelha não é muito fervorosa por vários motivos, e sobretudo por causa dos protestantes e ao colégio deles” (AMARANTE, 1996, p.101).

O pastor Rodolpho Hasse, numa carta que escreveu a um professor do Seminário Concórdia de Porto Alegre, no dia 3 de novembro de 1918, quatro dias após a sua chegada, comenta:

Logo que cheguei aqui o “frade” católico abriu uma campanha extraordinária contra a nossa igreja, dando culto todos os dias e todas as noites, o que L.V. [Lagoa Vermelha] nunca viu. Os seus

“sermões”, segundo o povo diz, eram abundantes de *anathema sit* [que ele seja anátema]. Ele amedrontava-o dizendo que os luteranos tinham parte com o demônio e que até hoje nenhum deles tinha se salvado. Excomungou os livros “vendidos” e distribuídos por nós e convidou o povo a reunirem estes livros a fim de fazerem uma festa, queimando-os na praça! Ele prometeu d’hora em diante zelar mais pela igreja desta localidade, ficando residente aqui. Mas não obstante com todos que falei e visitei, são contra a igreja católica (MESSAGEIRO LUTHERANO, 1918, p.79).

Não há registros sobre se a fogueira de livros luteranos tenha realmente acontecido. Considerando que a carta foi escrita quatro dias após a sua chegada, a referência aos livros “vendidos” pelos luteranos, foram os novos testamentos, que os dois pastores distribuíram gratuitamente.

Numa carta enviada à revista *Mensageiro Luterano* em janeiro de 1919, no início do seu trabalho em Lagoa Vermelha, Hasse já mostrava um quadro tenso do conflito:

No momento em que estou escrevendo esta carta, estão estalando os foguetes e bombas nesta vila, pois já quase 8 dias está sendo celebrado uma estrondosa festa pelos “frades”; trouxeram uma banda de música etc; missa há 3 vezes por dia; querem recuperar o povo a força de festas públicas (*echt römisch!*) [genuínos romanos!]. Mas este embuste de Satanás se desfará perante o Evangelho do nosso amado Salvador. A nossa igreja naturalmente excomulgada em todas as formularidades por esses ministros do filho do pecado e o meu serviço por grande parte destruído, mas lá por isso não desanimarei, pois Deus me colocou aqui para trazer os seus escolhidos ao conhecimento da verdade (MESSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.11).

Hasse algumas vezes se queixa de que padres o teriam acusado de vender livros. Não se tem clareza da intenção dessa acusação, mas poderia ser de que os luteranos estivessem fazendo comércio. Num registro do *Mensageiro Luterano*, Hasse fala de outras investidas do padre e diz que:

O “frade” daqui tem trabalhado com tenacidade contra mim. Retraiu especialmente as mulheres do nosso serviço divino, pois a maioria faz parte da “irmandade do coração de Jesus ou Maria”. E assim as tem repreendido severamente para não quebrarem este voto. Há de

custar muito trabalho até que se tire todas essas tolices da mente do povo” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.11).

Houve tentativas de arrebanhar alunos dos luteranos para os católicos, inclusive com ameaças de condenação ao inferno. Theophil William Strieter, que também foi pastor em Lagoa Vermelha, fala de um relato de um senhor que havia ido ao confessionário para confessar-se ao padre. Este teria lhe dito para retirar o seu filho da escola luterana sob pena de ser condenado ao inferno. O homem teria dito ao padre que os luteranos eram cristãos e que tinham a misericórdia de Deus do seu lado. O padre teria ficado em silêncio e com os olhos abatidos (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.11-12).

Rodolpho Hasse também menciona um caso de tentativa de subtrair os alunos da escola luterana:

Estando eu um dia ausente, o padre católico aproveitou-se da minha ausência e quis levar os meus alunos a sua igreja; mas todos correram a minha casa para que eu os protegesse. Então minha esposa os protegeu; vendo se abrigados, um pequeno gritou: “Não vou lá não, nem tenho medo de ti!” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.48).

A parte inicial do conflito com os capuchinhos se deu no tempo em que o frei José Cherubini atuou em Lagoa Vermelha. Porém, ele foi transferido para assumir a paróquia católica de Bom Jesus, RS, em 27 de fevereiro de 1919. Fazia apenas quatro meses que o pastor Hasse havia chegado em Lagoa Vermelha. Em lugar de Cherubini, veio o frei Claudio Mocellin, que iniciou os seus trabalhos em 23 de março de 1919, permanecendo até 1924. A maior parte do conflito aconteceu no tempo de Mocellin. Entre as incumbências que recebeu do bispo Dom Miguel Valverde constava: “Procure, por todo modo, defender do contágio da heresia o povo que lhe foi confiado” (AMARANTE, 1996, p.99).

Claudio Mocellin, ao relatar a retomada dos trabalhos, fala sobre o atendimento em Lagoa Vermelha:

Na Vila de Lagoa Vermelha diminui o fervor e a prática do Apostolado, devido aos protestantes que continuamente me atacam no

jornalzinho da Vila, e as autoridades municipais os favorecem contra o pároco, contra a religião católica (AMARANTE, 1996, p.100).

O “jornalzinho” a que ele se refere era o Jornal *A Ordem*, que apoiava a causa luterana. O pastor Rodolpho Hasse confirma esta informação e diz que o redator do Jornal *A Ordem* colocou à disposição dos luteranos o seu jornal e sem custos (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.10). Hasse também diz este jornal era do “partido dominante da vila, que pôs suas colunas à nossa disposição” (KREBS, WINTERLE, 2016, p.111). De fato, o Jornal *A Ordem* estampava na sua página inicial o slogan “Órgão do Partido Republicano”. Já falamos do favorecimento das autoridades da situação aos luteranos. Aqui isso fica mais evidente.

Por outro lado, os católicos eram favorecidos pelo Jornal *O Farol*, e este era também usado pelo partido da oposição. Tanto católicos como luteranos usaram jornais locais como meio de ataque e defesa. Hasse fala de um advogado católico que lhe fez “violento ataque no seu jornal, ao qual respondi à altura e de maneira concludente nas colunas do outro jornal amigo” (KREBS, WINTERLE, 2016, p.111). Confirma-se, assim, que este conflito religioso em Lagoa Vermelha esteve deitado sobre as bases do conflito político reinante e que recebeu dele um viés igualmente político. Luteranos e católicos, talvez sem querer, acabaram reforçando o conflito político da cidade. Os políticos da situação sentiam-se apoiados pelos luteranos e os da oposição, pelos católicos.

Claudio Mocellin também fala do ataque por parte dos luteranos.

Pois os protestantes sempre ali, batendo contra os padres, contra o pároco e imprimindo seus artiguinhos no jornal, e fazendo continuamente suas conferências em favor do protestantismo e contra a religião católica ((AMARANTE, 1996, p.100).

Diante disso, Mocellin questiona:

O que falta para acabar com todos estes protestantes seria um colégio de irmãos. É aquilo que com todas as minhas forças e indústrias estou procurando e estou certo de que esta nova graça, pela proteção do apóstolo Paulo, num prazo não muito comprido, hei de alcançá-la. Assim Deus o queira! (AMARANTE, 1996, p.101).

No mesmo texto, Mocelin diz; “Espalham o *Mensageiro Luterano*, impresso em Porto Alegre. Vendem livros e catecismos protestantes” (AMARANTE, 1996, p.102). De fato, a Revista *Mensageiro Luterano*<sup>8</sup> foi usada para divulgar o luteranismo com textos escritos principalmente por Rodolpho Hasse. Um dos mais impactantes foi “O que é um Luterano”, que também recebeu um substituto “Ou: Por que é que te denominas ‘Luterano’?” publicado em várias edições.<sup>9</sup> Ser luterano em Lagoa Vermelha era novidade que despertava desconfiança e o desprezo por parte dos católicos. Hasse argumenta sobre isso dizendo que o “bem-aventurado Dr. Martinho Lutero”, era “instrumento de Deus” e “servo abnegado de Cristo” e que pôs “a clara luz do Evangelho novamente no velador”. Envergonhar-se, então, de Lutero e da doutrina que Lutero pregou, seria envergonhar-se do Evangelho e de Cristo pessoalmente. Hasse diz que luterano é o que “permanece com Lutero fixo em todos os pontos da doutrina, segundo reza a clara palavra de Deus, a Escritura Sagrada” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.5,6).

E ele explica que os luteranos não “deificam Lutero” nem o tem por “apóstolo ou profeta” e não o tem “por cabeça da igreja” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.9). Ele diz que “Lutero não pregou doutrina nova, mas apenas a antiquíssima doutrina do Evangelho”. Da mesma forma “Lutero não se separou da igreja original e verdadeira, que é edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra angular, o próprio Cristo Jesus” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.11, 12).

E Hasse também afirma que a Igreja Luterana não é a única na qual há salvação. Segundo ele, seria fanatismo e ignorância dos luteranos encerrar “o reino invisível de nosso Senhor Jesus Cristo nos estreitos limites da Igreja Luterana”. Para ele há salvação nas igrejas onde se prega o puro evangelho. Ele também diz que a quem se submete a toda palavra de Deus e confessa a sua fé em Cristo, os luteranos lhe dão a mão e o consideram irmão em Cristo, um luterano (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.21).

No mesmo texto, Hasse também define o que é um católico e pergunta se luteranos ainda poderiam usar este nome, pois originalmente o termo referia-se à igreja universal. Porém, segundo ele, o conceito mudou:

---

8 A revista *Mensageiro Luterano* é um órgão de comunicação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil; uma revista em atividade por mais de um século.

9 O texto está publicado nas edições de *Mensageiro Luterano* de 1919, ns.2, 3, 5, 6, 9, 10, 12.

Atualmente é a comunhão d'queles que reconhecem o Bispo de Roma como o cabeça da Igreja como Vigário de Cristo e de Deus pessoalmente o tem por infalível e à suas ordens prestam absoluta e cega obediência. Visto que o nome “católico” já não significa mais a igreja universal, mas o papismo romano com suas abominações, portanto uma seita, assim já não podemos mais portar este nome (MESSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.30).

A revista *Mensagem Luterano* também foi usada para atacar os católicos de outras formas. Um desses textos foi publicado na edição de agosto de 1923, com título “O papa mesmo prova que é o anticristo”. Nesse texto, Hasse argumenta que o papa quer colocar-se acima da lei de Deus e que ele pretende a soberania sobre o poder secular, e que este é servo da igreja para executar os decretos dela. “Eis a razão porque ela não quer a separação da igreja e do Estado. Ela precisa do poder temporal para impor aos povos os seus dogmas humanos.” Hasse diz que o papa quer criar leis sobre toda a igreja cristã, e argumenta que este poder é a palavra de Deus que tem. E finaliza seu texto dizendo: “Há apenas dois caminhos à eternidade, Cristo e seu Evangelho, que conduz a bem-aventurança eterna; e o papa e sua doutrina de demônios, que conduz à condenação eterna” (MESSAGEIRO LUTHERANO, 1923, p.58,61).

Definição semelhante também constava no estatuto da Comunidade Luterana Brasileira São Paulo, de Lagoa Vermelha, no parágrafo três, na letra “e”, que trata dos membros da comunidade: “Rompe e aparta-se absolutamente da igreja catholica romana, por ser a igreja do antichristo e da perdição, não participando em nenhum dos seus actos religiosos”.

É visível também um forte ataque aos católicos num texto escrito pelo pastor Rodolpho Hasse numa edição da revista *Mensagem Luterano* com o título “S. João e os católicos romanos”. No texto, Hasse destaca a figura de João Batista como mensageiro humilde, como “arauto que ia adiante do Rei, do filho de Deus” e como “apenas instrumento de Deus”. Na sequência do texto, Hasse pergunta: “E o que faz a igreja romana de S. João? Um abominável ídolo, muitas vezes infame meio de negócio”, e descreve a venda de imagens com o título “S. João” com festas, que ele chama de orgias e leilões com “avultado lucro”. Diante disso, Hasse pergunta: “Isto é religião, devoção, cristianismo?” E coloca esa situação como consentimento e culpa exclusivamente dos sacerdotes romanos. E

afirma: “Quão terrível tornar-se-lhes-á o juízo derradeiro”. E conclui o texto, dizendo: “Sim, caro leitor [leitor], aparta-te por amor a tua alma da abominável igreja romana, se não queres receber de suas pragas no derradeiro dia!” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1922, p.41,42).

Esses textos da revista *Mensageiro Luterano* não foram escritos especificamente para o povo de Lagoa Vermelha, pois a revista já tinha alcance estadual. Porém, Hasse era pastor lá, conhecia a realidade local e lá havia vários assinantes da revista. E a revista foi usada em Lagoa Vermelha para divulgar o luteranismo.

Diversas vezes os luteranos mencionam que o padre dava informações equivocadas sobre Lutero e a Reforma Luterana. Se os capuchinhos tinham, entre suas missões, combater os protestantes, resta saber se usavam meios fidedignos. Hasse não concordaria:

O bom homem [ou seja o padre] se deixou levar pelas mais insípidas blasfêmias e calúnias contra Lutero e a Igreja Luterana, de modo que foi fácil para o nosso missionário refutar essas calúnias, contra “o papado de Roma, fundado pelo demônio”, diante das pessoas ávidas por salvação (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.10, tradução nossa).

Hasse também se refere a comentários que o “frade” teria feito para o povo católico a respeito dos luteranos. Um desses comentários ele registrou numa carta enviada ao *Mensageiro Luterano*.

A alguns dias este [frade] dissera que Lutero tinha tido 3 grandes dívidas para com a igreja católica e para esvair-se desta obrigação, por não poder pagá-la, abandonou a igreja católica e fundou o protestantismo; que um dia estando sua mãe à morte, o chamou aos pés de sua cama, pedindo que explicasse sua nova religião e que então Lutero dissera, que a religião protestante era a melhor para viver, mas que para morrer a católica era a melhor; que a igreja luterana pregava que, para salvar-se bastava crê-se podendo-se uma vez que se tinha fé em Cristo praticar toda sorte de pecados (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.48).

Esses comentários chegaram ao pastor Hasse por via de terceiros, o que torna difícil saber sobre a veracidade deles. Mesmo que sejam verda-

deiros, não se tem a versão católica deles. O certo é que estes comentários esquentaram o conflito político e religioso em Lagoa Vermelha.

Nessa circunstância, foi criada a Sociedade Luterana, em 28 de abril de 1919, “composta por pessoas de destaque, para defender e propagar a igreja Luterana” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.48) e com intenção de fazer oposição aos católicos. Ela também é mencionada como “Liga Luterana”. Os seus integrantes não eram necessariamente luteranos. O presidente dessa sociedade, Pedro Ferreira de Andrade, era também o proprietário e redator do Jornal *A Ordem*. Hasse confirma que “Esta [sociedade] tem levado o ‘frade’ nos apuros” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.48). Percebe-se a intenção, pois este era opositor do outro jornal, apoiador da causa católica. Johannes Kunstmann também fala desta sociedade “cuja finalidade é a refutação das heresias romanas e a defesa e propagação da Igreja e da doutrina luterana. Esta sociedade já publicou panfletos muito interessantes e travou muitas batalhas com o padre” (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.10, tradução nossa).

O Jornal *A Ordem* publicou um texto com o título “esclarecimentos necessários” (A ORDEM, 1919). O texto não menciona a autoria, porém, pelo conteúdo percebe-se como iniciativa da Sociedade Luterana. O texto se dirige ao povo lagoense “prevenindo-o das agressões injustas e propagandas vergonhosas com que pretendem os padres romanos aniquilar a Igreja Luterana”. O texto fornece algumas comparações para demonstrar a “superioridade incontestável da Igreja Evangélica sobre a Igreja Romana no que diz respeito ao progresso moral e material do povo”. O texto acusa a Igreja Católica de ter sugado o dinheiro do povo e ao mesmo tempo não ter feito investimentos em Lagoa Vermelha como havia prometido. O jornal destaca que, diante disso, os luteranos vieram a Lagoa Vermelha, atendendo a inúmeros pedidos do povo para fundarem um colégio. Com a vinda dos luteranos, os católicos reagiram e fundaram um colégio. E o Jornal pergunta:

Por que disso não se lembraram antes? Será que agora se lhe despertaram nobres sentimentos de caridade, que os conduzirão ao caminho do dever? Não o cremos, não são outros os seus planos senão o de extinguir o colégio Lutherano... (A ORDEM, 1919).

Na sequência do texto, o jornal fala que o padre tinha enviado pessoas para o interior do município a fim de angariar fundos para a construção do colégio católico. Porém, estes não diziam que se tratava de uma campanha para um colégio católico. Assim, a acusação do jornal é que pessoas teriam sido enganadas, pensando em se tratar do colégio luterano. Diante disso, o texto diz: “acautelem-se destes emissários do papa”. E acrescenta “Não é outro objetivo dos romanos, senão o de acabar com a Sociedade Luterana, cujos nobres fins lhe causam inveja e despeito” (A ORDEM, 1919).

Diante dos vários comentários do padre, a Sociedade Luterana enviou a ele um ofício marcando data, local e hora e com o público convidado “para provar o que disse”. Mas o padre não compareceu. Foi-lhe enviado novo ofício “pedindo que provasse os seus dizeres e se por acaso não respondesse” concordaria que tinha faltado com a verdade. O padre novamente não compareceu. A Sociedade Luterana decidiu então publicar os ofícios no jornal (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1919, p.48). Hasse diz que: “Logo que os seus fiéis viram que ele não pode provar o que disse pediram ao Bispo que o retirasse por ser incompetente para enfrentar-nos” (KREBS, WINTERLE, 2016, p.111).

Hasse menciona um fato que, pela semelhança, imagina-se ser o mesmo fato, porém, sob óticas diferentes, e diz que escreveu:

O pastor Strieter e eu rebatemos aquelas calúnias na seção livre deste órgão [Jornal A ORDEM] e eu escrevi uma carta ao padre, pedindo que marcasse o dia, a hora e o local para uma discussão pública sobre o assunto. Respondeu-me que só prestava conta do que dizia e fazia ao seu bispo. Respondi-lhe pelo jornal desmascarando-o de vez. A pedido dos católicos, foi removido por ser incapaz de enfrentar os luteranos (KREBS, WINTERLE, 2016, p.111).

Fica a pergunta se uma “discussão pública” dessas, e a atitude da Sociedade Luterana, poderia colocar fim ao conflito entre católicos e luteranos ou apenas alimentá-lo.

No objeto deste conflito, estavam as iniciativas tanto dos luteranos, dos católicos, o estabelecimento e a construção de dois colégios.<sup>10</sup> De

---

10 A história de ambos os colégios está descrita no meu livro *Luteranos em Lagoa Vermelha – Um século de esperanças* (KARNOPP, 2018).

um lado, o empenho dos pastores luteranos para iniciar um colégio. De outro lado, o esforço concentrado do frei Claudio Mocellin. O frei José Querubini menciona o esforço de Mocellin, dizendo: “O colégio das irmãs, conseguido com suores de sangue, foi obra do Frei Claudio, que as irmãs de Lagoa deveriam considerar como seu pai. Sem ele, os protestantes seriam os grandes donos espirituais de Lagoa Vermelha (AMARANTE, 1996, p.103).

Fidelis Dalcin Barbosa diz que “a demora da fundação deste colégio [católico], provocou a vinda para Lagoa Vermelha dos Luteranos que fundaram o Colégio São Paulo, tendo construído um belo e vasto prédio, o maior e mais imponente da vila na época” (BARBOSA, 1984, p.97).

Para os luteranos estava claro, desde o início, que a missão, para ter base sólida, precisaria de uma boa escola. Em cada lugar que se estabeleciam, construíam uma igreja e, ao lado dela, uma escola. Em Lagoa Vermelha foi o contrário. Construíram uma escola de grande porte com a esperança de construir em seguida uma igreja. Já se passou mais de um século de esperança, sem jamais ter sido construída.

Por parte dos católicos, houve grande dificuldade em abrir um colégio em Lagoa Vermelha. Mas houve também muito esforço e um trabalho exaustivo do frei Claudio Mocellin em trazer um colégio católico para Lagoa Vermelha. “Tudo inútil”, relata. E externa sua decepção: “Enquanto isto os maus exultavam e os protestantes prosperavam. Eu rezava e pensava como poderia resolver este caso tão difícil” (AMARANTE, 1996, p.100). No mesmo texto, Mocellin continua falando do seu infrutífero trabalho de trazer um colégio para Lagoa Vermelha e relata:

Neste entretanto, uma onda de perseguição se levantou contra o Colégio [que ele estava tentando criar] por parte dos protestantes e de outros grausdos que os favoreciam. Tanto disseram e tanto fizeram que esmoreceu a coragem dos meus” (AMARANTE, 1996, p.100).

Mocellin parece estar falando da recém-criada Sociedade Luterana. Hasse confirma a dita “perseguição” por parte dos luteranos e diz que:

Houve aqui uma pequena revolta contra os fiéis católicos, que se viram reduzidos a poucos homens e vergonhosamente cederam. Mesmo entre os fiéis, a maioria deles se juntou a nós. As pessoas

queriam gritar “Morra a Igreja Católica” até que não houvesse mais católicos na vila (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.12, tradução nossa).

Kunstmann fala dessa revolta e diz que: “Foi com dificuldade que o nosso missionário conseguiu impedir a multidão de usar argumentos violentos para mostrar ao padre romano que os seus ataques contra a nossa Igreja não eram verdadeiros” (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.10, tradução nossa).

Nota-se que o conflito saiu das dimensões do clero e virou preocupação para o povo. Um padre foi chamado pelo seu vizinho, que lhe deu uma boa repreensão por ter acusado falsamente a nossa igreja. Os seus seguidores também o chamaram para uma reunião e o repreenderam pelas suas mentiras (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.12).

Theophil Strieter fala de um subintendente municipal, chamado José Silva, que também era vice-presidente da Sociedade Luterana e luterano. Segundo Strieter, ele teria dito que para ele “um católico era o mesmo que uma praga” (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.12, tradução nossa). Mais tarde este subintendente foi brutalmente assassinado.

Por ocasião da inauguração do Colégio Luterano São Paulo de Lagoa Vermelha, o pastor Rodolpho Hasse escreveu para revista *Mensageiro Luterano*, relatando o evento. A impressão que ressalta é que não se conseguia fazer relatos sem enxergar os inimigos. Se bem que esta não era prática só dos luteranos.

Oxalá que esta primeira brecha nos baluartes do negro papismo neste prospero pais seja seguida por inúmeras outras! Oxalá que muitos brasileiros reconheçam e bafejam em um coração puro e sincero a verdade evangélica e pela fé no Cristo crucificado sejam salvos! Sim, Deus lhes abra os olhos e lhes dê forças para se desprenderem da corrompida e prostituição da igreja romana, onde lhes espera um futuro temeroso e guarde seus pés dos covis dos lobos vorazes, da não menos funesta maçonaria, do espiritismo, do positivismo e das sorateiras seitas! (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1923, p.30).

Ao que indica não houve tréguas no conflito. No dia 31 de outubro de 1923, acontecia a comemoração do quinto aniversário da missão luterana em Lagoa Vermelha e a comemoração da Reforma Luterana. Diante da campanha de divulgação do evento, Hasse diz que houve reação por parte da Igreja Católica:

Apesar dos contra convites, missa arranjada fora de costume e empenho ardoroso do capuchino para afastar o povo da nossa festa, o salão do colégio S. Paulo, onde se realizam nossos cultos divinos, esteve repletíssimo de seletos auditório. O zelo do representante do anticristo foi, pois, contraproducente. Ele bem sabia que ali havia de ser erguida a máscara de hipocrisia da iníqua igreja ou sinagoga de Satanás (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1923, p.94).

De ambos havia glórias, quando do outro lado algum plano fracassava. Tanto os católicos como os luteranos logo perceberam que a situação de fragilidade de um lado podia ser aproveitada de outro lado. “A igreja católica está obviamente em suas últimas pernas aqui”, sentenciava Hasse (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.12, tradução nossa). Numa carta publicada no *Mensageiro Luterano* de 1918, Hasse diz: “É de summa urgência abrimos até março [1919] um colégio pois eles agora não tardarão, visto que a sua existência aqui [referindo-se aos católicos] está em perigo”. MENSAGEIRO LUTHERANO, 1918, p.79).

Porém, lá no final, o frei Bruno de Gillonnay, que trabalhou como visitador diocesano em Lagoa Vermelha, exultava:

A escola dos protestantes pouco a pouco tornada deserta, foi votada ao desaparecimento total. E assim, depois de 15 anos de luta, os padres que trabalharam e sofreram em Lagoa Vermelha podem ter a nobre satisfação de ter subtraídos ao maligno uma porção de terra cristã e tê-la consagrada a Cristo e a Igreja (AMARANTE, 1996, p.95).

O pastor Teophil William Strieter relata sobre o encerramento do segundo ano escolar da Escola Luterana São Paulo, em dezembro de 1920, onde compareceram mais de 250 pessoas. Na ocasião foi

contada a história do nascimento de Jesus e foram cantados hinos de Natal. Strieter diz que tinha certeza de que os anjos do céu estavam se alegrando pelo que estava acontecendo naquele momento em Lagoa Vermelha. (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1920, p.11). Na sequência ele diz:

O nosso trabalho entre estas pessoas trouxe-nos sérias experiências; uma das quais que todas, todas estas pessoas, que há várias gerações têm sido vítimas dos padres papistas, não receberam deles o menor encorajamento no conhecimento da salvação. Antes, pela escravidão que lhes foi imposta pelo anticristo, caíram na incredulidade e na superstição, e apesar de terem recebido o batismo, no sentido mais completo da palavra, jazem cegas no paganismo (EVANGELISCH-LUTHERISCHES KIRCHENBLATT FÜR SÜD-AMERIKA, 1921, p.11, tradução nossa).

A linguagem usada para combater a igreja católica foi repetida também por Octacílio Schüler, o último dos pastores em Lagoa Vermelha. Comentando no *Mensageiro Luterano* sobre o trabalho em Clemente Argolo, distrito de Lagoa Vermelha, diz:

Em toda parte, abrem-se as portas a mensagem da boa nova da graça de Deus em Cristo Jesus, nosso Salvador. Raiou a liberdade das consciências da cara pátria Brasil. – Abaixo com o constrangimento em matérias de fé! Por isso longe de nós o papismo romano! Corre-nos a obrigação que separemo-nos da igreja papal, e unamo-nos à igreja da palavra pura e do sacramento não falsificado. A corrupção do anticristo é patente. Caros concidadãos “desvia-vos dela”, “fugi do meio da Babilônia, e livre cada um a sua alma e não vos destruais a vós mesmos na sua maldade: porque este é o tempo da vingança do Senhor que ele paga retribuição” (MENSAGEIRO LUTHERANO, 1922, p.6).

Combate e defesa foram os meios mais usados no conflito religioso em Lagoa Vermelha.

## CONSIDERAÇÕES

Para realizar a pesquisa para este trabalho, fui visitar os padres capuchinhos da paróquia católica Nossa Senhora de Fátima, de Vacaria, RS, com o intuito de conhecer melhor a história dessa ordem da Igreja Católica. Os padres me receberam com alegria, admiração e respeito. Eles me esclareceram dúvidas e me deram dicas sobre como e onde pesquisar a respeito dos capuchinhos. Um século depois do conflito entre padres capuchinhos e pastores luteranos em Lagoa Vermelha, eu, um pastor luterano, pude dialogar com padres capuchinhos em paz e interesse na pesquisa. A Deus toda honra e glória.

Esta pesquisa poderia despertar católicos, luteranos e o povo de Lagoa Vermelha a honrar seus heróis religiosos, principalmente o pastor Rodolpho Frederico Mussard Hasse e o frei Claudio Mocelin. Eles realizaram suas missões com dedicação especial e fidelidade. Eles eram de certa forma oponentes, mas tinham como objetivo comum trazer para Lagoa Vermelha uma educação e escolas de qualidade, algo extremamente escasso na época e tão importante para formação cristã e cidadã. Que nos inspirem as palavras do apóstolo Paulo: “honrai sempre a homens como esse” (Fp 2.28).

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Zeli Maria do (Org). *Raízes de Lagoa Vermelha: Primeiro encontro dos Municípios Originários de Lagoa Vermelha*, volume 2. Porto Alegre: EST,1996.

A ORDEM. *Esclarecimentos necessários*. Órgão do Partido Republicano. Lagoa Vermelha, n.23, 6 nov.1919.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Nova História de Lagoa Vermelha*. Porto Alegre: EST, 1981.

\_\_\_\_\_. *A Diocese de Vacaria*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.

COSTA, Rovílio. BONI, Luis A. de. *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1996.

E. M. Uma Viagem à Lagoa Vermelha! *O Mensageiro Christão*, n.7, p.26-27, 1º mai.1918.

J.K. Unsere Lusobrasil. Mission in Lagôa Vermelha. *Evangelisch-Lutherisches KirchenblattFür Sud-Amerika*, Porto Alegre, n.2, p.9-12, 15 jan.1920.

HASSE, Rodolpho. Notícias de fora. Lagoa Vermelha. *Mensageiro Lutheran*. Porto Alegre, n.12, p.47-48, 15 jun.1919.

\_\_\_\_\_. Nachrichten aus Unserem District. *Evangelisch-Lutherisches KirchenblattFür Sud-Amerika*, Porto Alegre, n.24, p.188, 15 dez.1920.

\_\_\_\_\_. Lagoa Vermelha. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.4 p.30-32, abr.1923.

\_\_\_\_\_. Fundação da Comunidade Evangélica Luterana em Lagoa Vermelha. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.9, mai.1919.

\_\_\_\_\_. [Carta ao Pro. Refeldt] *Mensageiro Lutheran*, n.20, p.79, 15 nov.1918.

\_\_\_\_\_. O que é um Lutheran? *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.2, 15 de jan.1919.

\_\_\_\_\_. O que é um Lutheran? Continuação. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.3, p.9-10, 1º fev.1919.

\_\_\_\_\_. O que é um Lutheran? Continuação. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.5 p.12-14, 1º mar.1919.

\_\_\_\_\_. O que é um Lutheran? Continuação. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.6, p.21-22, 15 mar.1919.

\_\_\_\_\_. O que é um Lutheran? Continuação. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.9 p.30-32, 1º mai.1919.

\_\_\_\_\_. O papa mesmo prova que é o antichristo. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.8, p.57-61, ago.1923.

\_\_\_\_\_. S. João e os catholicos romanos. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.7, p.41-42, jan.1922.

\_\_\_\_\_. Diversas notícias. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.12, p.94, dez.1923.

\_\_\_\_\_. Notícias de fora. *Mensageiro Lutheran*, Porto Alegre, n.3, p.11, fev.1919.

KARNOPP, David. *Luteranos em Lagoa Vermelha: um século de esperanças*. Passo Fundo: Souzagraf, 2018.

KREBS, Martinho; WINTERLE, Carlos W. (Org.). *Histórias da História da IELB*. Porto Alegre: Concórdia, 2007, p.101-112.

SCHULER, Octacilio. Diversas Notícias. *Mensageiro Lutherano*. Porto Alegre, jan.1922.

STRIETER, Teophil. Unsere Missionschulle in Lagoa Vermelha. *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt Für Sud-Amerika*, Porto Alegre, n.2, p.11-12, 15 jan.1921.

WARTH, Carlos H. *Crônicas da Igreja*. Porto Alegre: Concórdia, 1979.

ZUNHO, Vanildo Luiz. *Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Porto Alegre: ESTEF, 2017.